

AS DUAS FACES DE UMA MESMA PRÁTICA: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE JORNALISMO DIVERSIONAL E JORNALISMO LITERÁRIO*

Two faces of the same practice: possible relations between diversional journalism and literary journalism

Francisco de Assis**

RESUMO

O texto busca sinalizar as possíveis relações entre os termos Jornalismo *diversional* e Jornalismo *literário*, não raramente tomados como sinônimos e quase sempre separados por aspectos não correspondentes ao que é percebido na prática. A discussão se baseia em pesquisa bibliográfica. Em meio a uma série de embates, compreendemos que as duas questões não são excludentes e tampouco se constituem no mesmo objeto. Avaliando o que foi colocado por autores pautados por diferentes perspectivas, defendemos que o primeiro dos termos (diversional) se configura como gênero, tendo sua forma orientada ao cumprimento de uma função, ao passo que o outro (literário) consiste em técnica narrativa, da qual se valem os repórteres quando põem em prática matérias capazes de informar e divertir a um só tempo.

* As discussões expostas neste texto foram apresentadas durante o 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, evento promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e realizado na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), situada na cidade gaúcha de mesmo nome, entre 6 e 8 de novembro de 2014.

** Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Vice-coordenador do grupo temático (GT) Estudos sobre Periodismo, mantido pela Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic). Professor no Centro Universitário Fiam-Faam. São Paulo – SP. Brasil. E-mail: <francisco@assis.jor.br>.

Revisão ortográfica e técnica: o autor

Data da submissão: 15/dezembro/2014

Data da aprovação: 8/fevereiro/2015

Palavras-chave: Teoria do Jornalismo. Gêneros jornalísticos. Jornalismo diversional. Jornalismo literário. Prática jornalística.

ABSTRACT

The text aims to hint possible relations between the terms *diversional* and *literary* Journalism, not rarely taken as synonyms and almost always separated by aspects not corresponding to what is perceived in the practice. The discussion is based on bibliographical review. Amid series of debates, we understand that one question does not exclude the other and neither they are about the same object. Valuing what was put by authors ruled by different perspectives, we defend what the first one of the terms (diversional) shapes itself as genre, being orientated to the fulfillment of a function, while other one (literary) consists of a narrative technique, which the reporters use when they put into practice matters able to inform and to amuse in an alone time.

Keywords: Journalism theory. Journalistic genres. *Diversional* Journalism. *Literary* Journalism. Journalistic practice.

1 Embates conceituais e terminológicos

A discussão que buscamos promover neste trabalho se inspira na revisão teórica de nossa tese de doutorado. (Assis, 2014b).¹ Ao assimilarmos os contributos de autores das mais diferentes linhas de atuação e de pensamento, acerca do objeto que trabalhamos empiricamente – isto é, a produção jornalística que ultrapassa os limites da informação pura e simples e que se vale, especialmente, de recursos expressivos típicos da literatura para a composição de relatos sobre a realidade –, notamos diversos embates conceituais e terminológicos, revelados num grande número de rótulos (CARVALHO; PASSOS, 2008, p. 68),² mas principalmente estabelecidos na tensão entre os conceitos *Jornalismo diversional* – que privilegiamos – e *Jornalismo literário* – possivelmente, a mais conhecida e/ou adotada, ainda que, muitas vezes, sem qualquer reflexão a seu respeito.

¹ Defendemos a tese *Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira*, no dia 5 de junho de 2014.

² Levantamento realizado por Juliano Carvalho e Mateus Passos (2008, p. 68) revelou que o conjunto de textos jornalísticos “que empresta técnicas da literatura e apresenta uma apuração de informações diferenciada” já foi chamado de “novo jornalismo”, “literatura da realidade”, “escrita criativa de não-ficção”, “literatura do fato”, “jornalismo narrativo”, “jornalismo de livros”, “jornalismo degustativo”, “narrativa jornalística”, “jornalismo informativo de criação”, “parajornalismo” e “jornalismo literário”.

Excetuadas as menções feitas sem balizamento ou indicativos dos significados que comportam, os ensaios teóricos elaborados à margem desses termos costumam exibir inquietações sobre seus usos, bem como intentam sinalizar possíveis diferenças entre eles. Longe de chegar a um consenso, pesquisadores como Edvaldo Pereira Lima (2009), Ana Carolina Temer (2011) e o próprio José Marques de Melo (2010) – sendo este último o principal responsável pela difusão do adjetivo “diversional” no País, como se verá adiante – estabeleceram, cada um a seu modo, critérios para definir contornos e propriedades de ambos os conceitos.

No entanto, e provavelmente pelo fato de não se estenderem nesse particular, as considerações que encontramos pareceram insuficientes para visualizar, de modo claro, a divisa entre esses “jornalismos”, se assim podemos chamá-los. Tivemos, então, de ir mais além e procurar respostas em tratados que não necessariamente se dedicam a esse embate, mas que puderam subsidiar uma articulação mais de acordo com nossa proposta. O resultado desse confronto de ideias é o que apresentamos neste espaço. Evidentemente, não seria possível abarcar todos os termos localizados, e, talvez, fosse desnecessário fazê-lo, dado que a maioria não apresenta significado substancial. Assim sendo, ocupamo-nos de tentar esclarecer as instâncias em que operam os principais deles – *Jornalismo diversional* e *Jornalismo literário* –, de modo a melhor situar sua relação.

2 Para entender o Jornalismo diversional

Antes de confrontarmos os conceitos, acreditamos ser necessário elucidar o que está por trás do chamado Jornalismo diversional. E devemos iniciar a explicação dizendo que o termo é usado tão somente em língua portuguesa, não havendo tradução equivalente. Por isso mesmo, suas variações em língua estrangeira – como *periodismo diversional* (Assis, 2013), no espanhol, ou *diversional journalism*, no inglês – preservam a tônica original.

A palavra *diversional*, na verdade, consiste em um neologismo. Na bibliografia brasileira, aparece associada ao Jornalismo, explicitamente, no início dos anos 70 (séc. 20), numa apostila editada por José Marques de Melo – um livrinho de 25 páginas –, tendo como destino subsidiar aulas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), criada em 1966 sob a denominação Escola de Comunicações Culturais (ECC).³ Como não é difícil notar, o termo destacado refere-se

³ O livro integra uma coleção, de circulação restrita, que a ECA editava, por iniciativa de Marques de Melo – naquele 1971, coordenador do Departamento de Jornalismo e

transversalmente à *diversão*. Não se trata, porém, de uma diversão qualquer, de mero entretenimento. Consiste em um divertir propiciado por relatos jornalísticos bem-elaborados – “textos de muito agrado”, como diz Mário Erbolato (2006, p. 44) –, esteticamente próximos da literatura, mas que se fixam essencialmente na realidade, em atendimento ao compromisso ético da profissão.

Esse divertimento, portanto, é oferecido com o sentido de gratificação estética – diversão por meio da *forma*, isto é, por ela propiciada –, tal como uma arqueologia do gênero, desenvolvida a partir daquela fonte seminal (MELO, 1971), permitiu-nos apreender. (ASSIS, 2014a). Fazemos remissão ao método arqueológico, nos termos propostos por Michel Foucault (2005, p. 32) – necessário para “fazer aparecer em sua pureza o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos” –, porque, apesar de figurar na capa do pequeno livro da ECA-USP, o conceito *jornalismo diversional* não é reproduzido no miolo. Por essa razão, foi preciso recorrer à leitura das linhas e das entrelinhas dos textos ali encontrados – reproduções de artigos originalmente publicados na revista *Bloch Comunicação* – para compreender o que seu editor quis denotar. A conclusão a que chegamos, já antecipada, é a de que o enlace do Jornalismo com a literatura seria o responsável por dar corpo a certa classe de matérias que conquista o *status* de gênero justamente pela função de divertir. Afinal, na classificação de Melo (2010), estão reconhecidos cinco gêneros jornalísticos – *informativo, opinativo, interpretativo, diversional* e *utilitário* –, ordenados conforme suas finalidades, todas desempenhadas no contexto da mídia.

De inspiração nitidamente funcionalista, esse modo de ordenar os gêneros jornalísticos respeita as funções da comunicação de massa sistematizadas por Harold Lasswell (1987) e por Charles Wright (1968), bem como assimila a teoria dos gêneros midiáticos articulada por Denis McQuail (2003) e que segue a mesma linha. Nesse modelo, as funções se manifestam em formas – relativamente estáveis –, dando corpo aos gêneros (MELO, 2009, p. 19), os quais são compreendidos por nós como classes de “unidades da comunicação massiva periódica” que agrupam “diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e de recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como *mídia*)”. (MELO; ASSIS, 2013, p. 30).

O Jornalismo *diversional* é uma dessas classes. Adquirindo legitimidade no século 20, emerge “como uma contingência jornalística”, numa luta “para sobreviver num ambiente midiático dominado pelo entretenimento”.

Editoração –, de modo a articular as escassas e dispersas bibliografias que se focavam nas disciplinas de seu domínio. Trata-se do “Texto 18” da “Série F” (dedicada a temas jornalísticos), segundo consta em suas últimas páginas.

Segundo Melo (2010, p. 5-6), “a ascensão do *show business* contamina a produção informativa, induzindo ao resgate de certas formas de expressão que mimetizam os gêneros ficcionais, embora os relatos permaneçam ancorados na realidade”.

É por isso que não ocasionalmente se costuma apontar ao Jornalismo *diversional* e para o Jornalismo *literário* como sinônimos. Nós mesmos já o fizemos, na tentativa de compreender a evolução do fenômeno a que se atribuem ambos os nomes. (Assis, 2011). Ainda que tal estratégia não esteja equivocada, havemos de perceber uma sensível diferença entre eles, a qual também é alertada por outros autores. Temer (2011, p. 6-7), por exemplo, chega a cogitar que se trata de dois gêneros, determinados conforme a longevidade do relato ou do próprio acontecimento focalizado. Em seu modo de ver, enquanto “o jornalismo literário corrompe ou ignora os atributos do jornalismo de massa contemporâneo: novidade, atualidade, universalidade, periodicidade” e procura “a perenidade da literatura”, o Jornalismo *diversional* “lança mão da literatura apenas naqueles recursos que possibilitem a leveza de um texto elegante, atraente, chamativo”, estando mais comprometido com a agilidade de veículos com periodicidade diária ou semanal, os quais têm o atual e o novo como razão de ser.

A problemática que se nos põe, pela perspectiva sugerida por Temer, é de natureza temporal. A diferença entre o *diversional* e o *literário* estaria na duração do fato e da publicação a seu propósito. Discordamos da autora, em parte, porque muitos dos textos que, hoje, são considerados exemplos clássicos de Jornalismo *literário* – como os livros publicados pela Companhia das Letras⁴ – circularam originalmente em jornais ou em revistas. Acreditamos, então, que a perenidade pode também ser entendida como um dos atributos do Jornalismo *diversional*, pelo fato de que a forma dada às narrativas – priorizando cenários e personagens – pode despertar interesse a qualquer momento, e não somente no dia ou na semana de sua publicação. Logo, o fator tempo não justifica uma possível separação.

Questionamento de outra ordem é apresentado por Lima (2009, p. 207-208), que indica o Jornalismo *diversional* como prática similar ao *feature*, da tradição anglo-saxônica, “um tipo de matéria que se constrói com fatos e citações, mas os parágrafos de transição entre suas partes são simples, os detalhes de ambientes, esparsos e menos significativos – por exemplo, a roupa dos personagens –, tendo como resultado um texto raso”. A divisa entre esse gênero e o Jornalismo *literário* estaria, segundo ele – e

⁴ A Coleção Jornalismo Literário foi criada pela Companhia das Letras em 2002. Desde aquele ano, vem publicando obras de jornalistas renomados, como Gay Talese, John Hersey, Norman Mailer, Joel Silveira e Zuenir Ventura, para citar alguns.

diferentemente da ideia apresentada anteriormente –, na densidade. De um lado, o *diversional* ocupar-se-ia de “pautas frias”, tratando-as superficialmente; de outro, o *literário* poderia ser desenvolvido tanto em matérias frias quanto em quentes, mas de modo mais complexo e com técnicas *sofisticadas*.

A nosso ver, a lógica também não é essa. O Jornalismo que se propõe ao divertimento de seus leitores não necessariamente é superficial e tampouco independe de técnicas aprimoradas, capazes de complexificar as narrativas. Ao contrário, pode – e muitas vezes o faz – usar recursos que despertem sentimentos e consciências, provoca emoção e faz refletir sobre os assuntos pautados, as experiências reveladas, os personagens evidenciados.

Em vista de os critérios diferenciadores, propostos por Temer e por Lima, não demonstrarem ser suficientes para estabelecer fronteiras, acreditamos ser necessário ir ao cerne da questão, buscando outros elementos capazes de aproximar e distanciar os motes dessa abordagem. Por isso mesmo, é necessário, antes, colocar a seguinte questão: O que é o Jornalismo *literário*?

3 Para entender o Jornalismo literário

Jornalismo literário é expressão que aparece com uma gama de significados, indo desde explicações operacionais até reflexões filosóficas. Refere-se, assim como o Jornalismo *diversional* também pressupõe, à “narrativa jornalística que emprega recursos da literatura” e “na qual o autor se preocupa menos em seguir padrões e técnicas soberanas em redações de jornais diários (*lead*, pirâmide invertida) e mais em dar ao leitor visão mais próxima o quanto for possível dos fatos”. (CASTRO, 2009, p. 206). Isso em termos gerais. Indo a fundo, encontramos outras várias definições, que parecem ora visar a uma legitimação – reivindicando o *status* de “discurso autônomo” (BORGES, 2013, p. 177) –, ora indicar que se trata de um Jornalismo aberto a experimentações – sendo “conjunção de saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas”, ou seja, “jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano” (CASTRO, 2010, p. 5) – e ora apontar que é prática com liberdade e, talvez, com uma pitada de poesia, sendo definida, por exemplo, como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional”. (PENA, 2006, p. 21).

Sua essência, contudo, é mal-interpretada, sendo confundida, vez ou outra, “com jornalismo sobre literatura (crítica literária, por exemplo)” ou com “ficção baseada na realidade factual”. (CARVALHO; PASSOS, 2008, p. 68). E há outras desordens, como sua associação ao período inicial do Jornalismo

brasileiro, que “absorveu a literatura como *second métier*” (SEABRA, 2002, p. 33),⁵ ou – o que mais costumeiramente se faz – à fase de renovação da imprensa nos Estados Unidos, denominada *new journalism*, ou “novo jornalismo”, em português. (IJUIM, 2010, p. 4). É nítido o aceitamento – e, em que pese incompreensões – de que o “atual jornalismo literário” (LIMA, 2009, p. 207) resultou das experiências perpetradas pela turma do *new journalism*⁶ (PENA, 2006, p. 21), que, por sua vez, é herdeira da tradição literária do “realismo social”, ou “romance realista”, do século 19. (LIMA, 2009, p. 197; BULHÕES, 2007, p. 156; NEVEU, 2006, p. 132). Uma coisa puxa outra, como se vê.

Muitos autores, então, se referem a experiências contemporâneas, vistas mundo afora, como se fossem todas herdeiras dos feitos promovidos por aqueles jornalistas norte-americanos que, num cenário específico, apostaram nas técnicas legitimadoras do romance realista – muito embora as tenham descoberto de maneira intuitiva, e não com embasamentos teóricos – para dar forma a um jornalismo diferenciado. Esse método, em resumo, consiste no texto construído cena a cena, no registro de diálogos completos, nas descrições (de ambientes, pessoas, gestos, etc.), bem como na expressão de diferentes pontos de vista, segundo explicação de Tom Wolfe (2005, p. 53-55), pertencente ao grupo pioneiro do *new journalism*. Há, de fato, aproximação de intenções e de fazeres, entre aquele momento e outros tantos, mas isso não significa que as produções do presente sejam mera reprodução, adaptação ou reformulação do que se promoveu nas décadas de 60 e 70 (séc. 20). Além do mais, diz-se que o *atual jornalismo literário apenas recebe influência* daquele contexto porque se cogita que a prática seja ainda mais antiga. Lima argumenta:

A proposta desenhada pelo *new journalism*, por sua vez, tanto criou caminhos próprios quanto se inspirou numa outra tradição do jornalismo, existente desde muito antes de Truman Capote fazer história com seu premiado trabalho *A sangue frio*. Essa tradição é o jornalismo literário, assim denominado pela incorporação de recursos e

⁵ Roberto Seabra (2002, p. 34) chama de “Jornalismo *literário*” o primeiro período da história da imprensa brasileira, que vai de seu surgimento, em 1808, até o final do século 19, caracterizando-se pela expressão de opiniões e de ideologias. Trata-se “de um momento histórico em que a imprensa ainda não era vista como empresa capitalista, mas, antes, como instrumento de luta política ou de embate entre ideais estéticos”. Sandra Moura (1994, p. 91) chega a dizer que, no final daquele século, “o sistema lingüístico da imprensa não permitia ao leitor estabelecer a diferença entre o discurso literário e o jornalístico”.

⁶ São artífices do *new journalism* jornalistas de “merecida fama”: Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer, entre outros. (LIMA, 2003, p. 9).

técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando história, na maioria das vezes com foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto. Já se fazia isso muito antes de Tom Wolfe nascer. (2003, p. 10).

O autor cita exemplos do final do século 19 e de princípios do século 20. Na mesma direção, Alberto Dines (1986, p. 89) diz que o “novo jornalismo” ali preconizado “é um velho estilo de escrever, adaptado ao que produzem aqueles intelectuais e seus companheiros, entre a crônica, a reportagem e o depoimento [do repórter, revelador do que ele próprio presenciou]”. Mas não há como negar que, se a prática não surgiu nos idos dos anos 60 (séc. 20), foi nesse decênio que se deu o seu apogeu, a sua (re)configuração ou, pelo menos, o “momento decisivo na sua difusão”. (CASTRO, 2010, p. 20). O “espírito” do *new journalism*, em suma, transcendeu “a separação jornalismo/literatura”, como aponta Érik Neveu (2006, p. 131-133), mas não só pela escrita; o que se emprestou do realismo social foi essa necessidade de *estar com* as pessoas e de compreender – mais do que apenas conhecer – suas histórias. Para a sociologia da atividade jornalística, o grande mérito desse empenho é o “trabalho quase etnográfico”, suscitado num cenário de mudanças na estrutura da profissão ocorridas nos Estados Unidos: a chegada de jornalistas diplomados às redações, formados “pela sensibilidade crítica das universidades”. “Um texto mais subjetivo, mais atento aos personagens não-oficiais surge, então, como um dos meios possíveis de ser menos dependentes das fontes institucionais, mas também, para os responsáveis pelas publicações, de recuperar leitores jovens”, explica o autor.

Mas se é reverenciado pelo aspecto inovador, o mesmo motivo provocou muitas críticas a esse jornalismo, em geral acusadoras de que os jornalistas do *new journalism* “deturpavam os fatos para conseguir maior efeito dramático”. Gay Talese (2004, p. 9), um dos profissionais atingidos por apreciações desse tipo, se defende: “Embora seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. Ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla [...]. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa.” No posfácio do livro *Fama e anonimato*, Humberto Werneck acrescenta, a essa defesa, que não se trata de literatura

esse território onde o escritor está autorizado a se mover com a ilimitada liberdade de um deus que espalhasse galáxias no vazio do Universo. Não há, no que escreve Gay Talese, nada que não tenha sido pinçado da

realidade e exaustivamente checado e conferido antes de baixar ao papel. É jornalismo. Mas não o jornalismo usual, predominante, esse em que o repórter, em nome da imprescindível busca da objetividade, se sente desobrigado de servir ao leitor mais que uma pilha de informações descarnadas – como se fosse isso a realidade. Como se a informação devesse ser, goela abaixo do leitor, uma espécie de pílula para astronauta, que nutre sem a obrigação de ser palatável. Como se, provindos da mesma raiz latina, *saber* e *sabor* não pudessem andar juntos. [...] Pois não basta que a informação seja bem apurada: é preciso que ela – e, portanto, o leitor – seja bem tratada. Não como atitude de alguém que, no fundo, preferisse estar fazendo literatura. Nada disso. Ao se valer de instrumentos de narrativa de ficção, o bom jornalista, longe de querer embonitar seu texto, está empenhado numa indispensável empreitada de sedução – sem a qual corre o risco de não ser lido. (2004, p. 254-255).

O que o *new journalism* fez, portanto, foi reforçar tendências preexistentes e que se mantêm até hoje, sendo alvo de constantes adaptações ou revisões. Em nossos dias, aliás, vigora, nos Estados Unidos, o “*new new journalism*”, segundo Felipe Pena (2006, p. 59) – assim mesmo, com o “*new*” em duplicidade –, como “recriação estilística” do antecessor – que, por sua vez, utilizava o adjetivo *novo* em oposição aos preceitos do *velho* Jornalismo – objetivo, “bege” (WOLFE, 2005, p. 35-33; SANTOS, 2005, p. 235). O fenômeno do *novo Jornalismo novo*, notado por teóricos norte-americanos, como Robert Boyton,⁷ integra “velhos conhecidos do público, como Gay Talese”, e representantes das novas gerações. Em síntese, tem como característica “explorar situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas, mas não envereda pela abordagem do exotismo ou do extraordinário, encarando os problemas como sintomas da vida americana. O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções”. O *novo jornalista novo* estaria, assim, mais preocupado com “estratégias de apuração” – buscando se envolver “até o talo com sua matéria e seus entrevistados” – do que com “uma linguagem específica”. (PENA, 2006, p. 60).

Essas experiências endossam o *atual* conceito de Jornalismo *literário*, que “transmutou o legado do *new journalism*, em parte que seja”, e cuja essência Lima (2009, p. 208) tenta distanciar do *feature*, como havíamos antevisto. Enquanto esse, “a estilo do jornalismo diversional”, se restringiria às matérias “frias”, “a narrativa do jornalismo literário” – “mais complexa” –

⁷ O livro de Boyton citado por Pena (2006, p. 60) é *The new new journalism* [O novo jornalismo novo], de 2005.

utilizaria “um leque considerável de técnicas sofisticadas” assim dispostas: 1) “*sumário ou exposição*, que consiste numa síntese de uma ação secundária”; 2) “*a cena presentificada da ação*, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que se desenvolve”; 3) o “*ponto de vista* [...] pode ser o do repórter, o do protagonista dos acontecimentos ou de uma terceira pessoa”; 4) “*a metáfora e as figuras de retórica* são aceitas quando se necessita explicar um tópico complexo”; 5) “*as citações diretas* são usadas moderadamente”; 6) “*as fontes são identificadas claramente*, a verificação dos dados tem de ser criteriosa, e a documentação deve ser sólida”. Essa perspectiva é, notadamente, diferente da nossa. Não visualizamos o jornalismo *diversional* – pela revisão feita e pela pesquisa empírica realizada em nossa tese – como sendo ele caracterizado pela superficialidade ou como uma antítese da complexidade, principalmente porque o gênero, segundo a noção de fundo com que o estudamos – repetimos – não se configura pelo nível de atualidade (quente ou frio), podendo ser adotado em quaisquer casos, mas se organiza pelo intento de produzir matérias agradáveis – a partir de apuração adequada a esse propósito –, com qualidade estética e – por que não dizer? – em certa dramaticidade nas histórias narradas. Alcançar esses atributos exige um trabalho árduo, o que nos leva a uma segunda observação: os seis elementos indicados pelo autor, assim como outros que expõe na sequência – “*exatidão e precisão*”, “*contar história*”, “*humanização*”, “*compreensão*”, “*universalização temática*”, “*estilo próprio e voz autoral*”, “*imersão*”, “*simbolismo*”, “*criatividade*” e “*responsabilidade ética*” (LIMA, 2009, p. 355-389) –, são os mesmos componentes considerados na prática do jornalismo *diversional*, tal como Melo (2010) o concebe e a empiria no-lo revela. Está nisso, então, o fio condutor que permite entender a afinidade entre os termos. Nós a retomaremos no final deste texto.

Devemos, antes, voltar ao questionamento feito há pouco e, diante do que vimos, acrescentar uma pergunta complementar: O jornalismo *literário* é um gênero? Também não há grandes consensos a esse respeito. Lima (2009, p. 423), por exemplo, embora destine uma parte de sua abordagem especificamente a “*formatos e gêneros*”, não explicita claramente o que entende por esses desdobramentos, dedicando-se unicamente a apontar “*seis linhas narrativas*” sitas “*sob o guarda-chuva da literatura criativa de não-ficção*”: reportagem temática; biografia; perfil; memórias; ensaio pessoal; e jornalismo literário de viagem. Pelo que se nota, os termos a dar título ao item são usados sem balizamento, porque, ainda que sejam dadas explicações para cada “*linha narrativa*”, não é justificado o que elas significam nas dimensões propostas de início.

Pena (2006, p. 21), por sua vez, defende o Jornalismo *literário* como conceito “fundamentalmente ligado a uma questão lingüística”, atribuindo a ele cinco “subgêneros”, que incluem elementos de toda ordem (de produção essencialmente jornalística a se valer de recursos ficcionais de escrita até iniciativas inversas, passando pelo conflito de indicar o período da história da imprensa americana também como “subgênero”). E assim os distribui: romance-reportagem; biografia; *new journalism* americano; jornalismo gonzo; e ficção jornalística. O ajuntamento de aspectos com naturezas tão desiguais, num mesmo patamar, carece de explicações além das que nos oferece o autor, porque da maneira como aparecem incorrem, inevitavelmente, em erros na sua leitura.

Essa discussão tenta ser organizada por dois artigos de Monica Martinez, embora sem chegar a um resultado definitivo. Ambos determinam o Jornalismo *literário* como gênero, sem grandes explicações. No primeiro, aparece indicado como “gênero fronteiro” – “que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos” (MARTINEZ, 2009a, p. 71) –, mas disso pouco evolui, exceto pela menção a oito características – definidas por Mark Kramer⁸ – possivelmente aptas a configurar o Jornalismo que, “até pouco tempo”, costumava ser definido como “você-sabe-que-é-jornalismo-literário-quando-você-vê”: imersão do jornalista na realidade; atuação ética; prestar atenção em assuntos rotineiros (e escrever sobre eles); voz autoral; estilo; liberdade para narrar; arte de definir uma forma narrativa; criação de sentidos (obtida principalmente com o uso de símbolos e de metáforas para facilitar a conexão com o leitor). (MARTINEZ, 2009a, p. 80-83). Seu argumento final é que o objeto por ela tratado é “campo vasto de experimentações”.

No segundo caso, ao estudar os trabalhos sobre o tema apresentados em congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), Martinez (2009b, p. 211) constata não haver “consenso conceitual quanto ao jornalismo literário”. De qualquer modo, chama-o de “gênero em expansão”, por identificar 28 apresentações com essa palavra-chave, de 1990 a 2006, sendo que no primeiro ano houve apenas um e, no último, sete (o ápice foi em 2005, quando 11 artigos foram expostos). Conclui, ainda, que a carência de um conceito homogêneo tem seu “lado inquietante”, mas sua preferência é “vê-lo pelo aspecto de que se trata de uma área de conhecimento do jornalismo em construção. Nesse sentido, a contribuição dos pesquisadores [...] é fundamental para definir

⁸ Martinez (2009a, p. 80) utiliza como referência um texto inserido como capítulo de livro que Kramer editou em parceria com Norman Sims: *Literary journalism [Jornalismo literário]*, de 1995.

o que os profissionais e a comunidade científica entendem por esse gênero em expansão”. Ao encerrar sua abordagem, reproduz definição extraída do site *TextoVivo* – não mais disponível na web –, que assim é apresentada:

Para fomentar os avanços, relembro a definição sobre o gênero proposta por um pioneiro dessa linha de estudo, Edvaldo Pereira Lima, do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: “Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo.”

A indefinição se mantém nas vozes de outros autores, como Vitor Necchi (2007), que, apesar de pressupor a impertinência da fórmula *Jornalismo literário*, trata-a como gênero, mas também sem distinguir particularidades. Sua preocupação concentra-se em discutir se a conjunção tem ou não fundamento (sem, contudo, apresentar um resultado conclusivo). Em Rogério Borges (2013, p. 77), por fim, aparece como um “discurso híbrido” – reivindicado, pelo autor, como “autônomo” –, que pode se manifestar em vários gêneros jornalísticos, sendo a “grande reportagem” apontada como opção mais frequente.

4 Solucionando a questão

Veja-se que o grande problema das discussões aqui recuperadas – assim como o de muitas outras que se ocupam dos gêneros – é o fato de não estabelecerem marcos conceituais capazes de orientar o sentido que se atribui às terminologias, as quais são empregadas, no geral, a partir do senso comum, do que se convencionou dizer em certas rodas – profissionais ou acadêmicas –, mas sem justificativas, ponderações, esclarecimentos. É como se houvesse um comum acordo sobre elas, sugerindo a desnecessidade de explicações. Ou, então, caem em elucidações simplistas, como a associação óbvia do termo *jornalismo literário* à criação literária. E só. Entretanto, devemos perceber algo que se repete: na revisão dos autores apresentados, identificamos várias menções a *traços*, *características* e *recursos* usuais. Mais do que aludir a uma possível condição de classe de matérias, esses diagnósticos acabam por reforçar a natureza técnica do conceito.

O pensamento decisivo que nos fica, portanto, é este: o jornalismo *literário* não consiste em gênero, mas em técnica – uma gama de técnicas, melhor dizendo – propícia ao desenvolvimento de formas de expressão bem-elaboradas, com atrativos estéticos e a intenção de ser entregue, a potenciais receptores, como algo a agradá-los, a lhes proporcionar o prazer de uma leitura “saborosa” – ou apreciações de outra ordem, caso saia da superfície impressa e surja em plataformas eletrônicas ou digitais – e que, afinal, promova diversão. O acostamento à literatura pressupõe a adoção de recursos ficcionais para, pura e simplesmente, dar tratamento à fisionomia dos relatos. Sua essência – compromisso maior – reside na observância da exatidão dos fatos. Os próprios autores dessa corrente reconhecem que a prática não abandonou o zelo do Jornalismo tradicional para com a informação, nem intentou se colocar no terreno da ficção, embora alguns exemplos – exceções à regra – revelem o contrário. Logo, a ênfase recai sobre as técnicas de redação e de composição das formas. Avançadas, certamente. Relacionadas a outros campos, como a antropologia e a filosofia, possivelmente, mas sempre no plano dos recursos expressivos. Em última análise, pode ser entendido como uma metodologia para a construção de formas jornalísticas propícias ao divertimento (sem, é claro, que isso se configure como um engessamento ou como uma estrutura fechada). Discípulo de Lima e um dos principais defensores do termo no Brasil, Sergio Vilas-Boas (2003, p. 10) confirma: “O JL [Jornalismo *literário*] é uma técnica. Filosofia do aprofundamento e técnica (narrativa) literária.”

Solucionada a questão, reforcemos que, na perspectiva assumida por nós – tanto em nossa tese quanto neste trabalho –, os termos jornalismo literário e jornalismo diversional, embora sejam costumeiramente postos como sinônimos, não o são. E tampouco se distinguem pelo nível de atualidade do assunto abordado ou pela densidade com que se o trata. São conceitos inter-relacionados. Referem-se à técnica (o literário) propícia à construção de formas de expressão com certas características e que irão, por conseguinte, dar corpo ao gênero (o diversional). Mesmo porque o gênero se define não apenas pelo código utilizado em sua elaboração, mas pela *forma* posta a cumprir uma *função*. No caso, a de divertir. Daí o adjetivo.

Referências

ASSIS, Francisco de. Arqueologia do jornalismo diversional: entendendo o gênero a partir de sua base taxionômica. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 12., 2014, Lima. *Anais...* Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Alaic, 2014a.

_____. Periodismo diversional: presupuestos para su clasificación. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 42-51, jul./dez. 2013.

_____. *Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira*. 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014b.

_____. Primórdios do jornalismo diversional no Brasil: uma introdução à luz de desacordos. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava. *Anais...* Guarapuava: Unicentro; Alcar, 2011.

BORGES, Rogério. *Jornalismo literário: teoria e análise*. Florianópolis: Insular, 2013.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CARVALHO, Juliano Maurício de; PASSOS, Mateus Yuri Ribeiro da Silva. A contribuição da revista *Piauí* para uma cultura científica. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 64-80, jul./dez. 2008.

CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo literário: uma introdução*. Brasília: Casa das Musas, 2010.

_____. Jornalismo literário. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 206.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em Jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

IJUIM, Jorge Kanehide. Jornalismo além da fórmula: a supervalorização do referencial estrangeiro e o desprezo às experiências brasileiras. In:

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2010.

LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural: leituras de análises dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e "cultura de massa" nessa sociedade*. 5. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. p. 105-117.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da literatura*. 4. ed. rev. atual. Barueri: Manole, 2009.

_____. Jornalismo literário: o legado de ontem. *Cadernos da Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 9-13, 2003.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: a realidade de forma autoral e humanizada. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, ano 6, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2009a.

_____. Jornalismo literário: um gênero em expansão. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 199-215, jul./dez. 2009b.

McQUAIL, Denis. *Teoria da comunicação de massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenjian, 2003.

MELO, José M. de. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2010.

_____. *Jornalismo, forma e conteúdo*. São Caetano do Sul: Difusão, 2009.

_____. (Ed.). *Jornalismo diversional*. São Paulo: ECA-USP, 1971.

_____; ASSIS, Francisco de. A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In: SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari (Org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 19-38.

MOURA, Sandra. O new journalism e suas relações com a literatura. *Pauta Geral*, Salvador, ano 2, n. 2, p. 91-98, 1994.

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação "Jornalismo literário". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2007.

NEVEU, Érik. *Sociologia do Jornalismo*. São Paulo: Loyola, 2006.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Abaixo o jornalismo bege. In: WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 235-245.

SEABRA, Roberto. Dois séculos de imprensa no Brasil: do Jornalismo literário à era da internet. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 31-46.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Notícias do Carnaval ou carnaval de notícias: um estudo sobre gêneros na cobertura telejornalística do Carnaval. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2011.

VILAS-BOAS, Sergio. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

WERNECK, Humberto. A arte de sujar os sapatos. In: TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 523-535.

WOLFE, Tom. *Radical chique e o novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WRIGHT, Charles R. *Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.